

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

ISSN 2177-3688

“DESAFIAVA A INCOMPREENSÃO A QUE ESTAVA SUJEITA”: INFORMAÇÃO E PATRIMÔNIO CIENTÍFICO NA I EXPOSIÇÃO DE FOLCLORE NO BRASIL (1941)

“CHALLENGED THE INCOMPREHENSION TO WHICH IT WAS SUBJECTED”: INFORMATION AND SCIENTIFIC HERITAGE AT THE FIRST FOLKLORE EXHIBITION IN BRAZIL (1941)

Jean Costa Souza - Universidade de Brasília (UNB)

Clovis Carvalho Britto - Universidade de Brasília (UNB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este trabalho investiga as intersecções entre os campos da informação e das práticas museais, tendo como foco a investigação das exposições de curta duração. Para tanto, analisa a primeira exposição em defesa de uma ciência do Folclore no Brasil, criada pela Comissão de Pesquisas Populares, no Rio de Janeiro, em 1941. Tem como objetivo a partir da atuação da folclorista Mariza Lira, no campo do Folclore, apresentar a presença de mulheres no campo da produção do folclore nacional, bem como os impactos que isso tem no campo dos museus e no patrimônio. O trabalho, que se baseia em uma abordagem qualitativa e descritiva, fundamentada em documentos e fontes bibliográficas, demonstra com as exposições de curta duração, se configuram um espaço estratégico de constante criação de narrativas, atreladas aos debates sobre os estudos de folclore no Brasil. As reflexões levantaram questionamentos a respeito do Folclore como uma ciência, tendo a primeira exposição científica e com curta duração como um dos projetos empreendidos pelos/as folcloristas. A análise revelou a participação das mulheres no campo do folclore brasileiro. Além disso, identificamos a existência de outro projeto de Comissão e redes intelectuais criado para estimular a pesquisa e a documentação do folclore, contribuindo para a compreensão dos sentidos no campo da informação, dos museus e do patrimônio.

Palavras-chave: exposição; informação; ciência do folclore.

Abstract: This paper investigates the intersections between the fields of information and museum practices, focussing on short-term exhibitions. To this end, it analyses the first exhibition in defence of a science of folklore in Brazil, created by the Popular Research Commission in Rio de Janeiro in 1941. Based on the work of folklorist Mariza Lira in the field of folklore, it aims to present the presence of women in the field of national folklore production, as well as the impact this has on the field of museums and heritage. The work, which is based on a qualitative and descriptive approach, based on documents and bibliographical sources, demonstrates how short-term exhibitions are a strategic space for the constant creation of narratives, linked to debates on folklore studies in Brazil. The reflections raised questions about folklore as a science, with the first short-lived scientific exhibition as one of the projects undertaken by folklorists. The analysis revealed the participation of women in the field of Brazilian folklore. In addition, we identified the existence of another Commission project and intellectual networks created to stimulate research and documentation of folklore, contributing to the understanding of meanings in the field of information, museums and heritage.

Keywords: Exhibition; Information; Folk Science.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo visa apresentar a *Primeira Exposição de Folclore no Brasil*, realizada no Rio de Janeiro, em 1941, cuja distinção era tornar a “Ciência do Folclore” (LIMA, 2003) concreta, informativa, a partir da cultura material. A curadoria partiu da iniciativa da Comissão de Pesquisas Populares, da Sociedade Amigos da Cidade, do Rio de Janeiro, idealizada pela folclorista Mariza Lira, entre outros “trabalhadores intelectuais” (OTLET, 2018, p. 7)¹.

Mariza Lira, musicóloga e jornalista, formada na Escola Normal do Rio de Janeiro², foi uma dessas pioneiras nos estudos da música popular no Brasil, tendo publicado, em diversos periódicos, artigos dedicados a esse tema, denunciando a existência de um folclore urbano³. Inspirada pelos trabalhos de Diná Lévi-Strauss e Mário de Andrade, quando da criação da Sociedade de Etnografia e Folclore, em 1936, na cidade de São Paulo, ela e o folclorista Joaquim Ribeiro, foram os responsáveis pela produção da exposição, que naquele contexto, “além do ineditismo, [traria] muita surpresa aos estudiosos, mesmo não sendo completa nem exaustiva” (LIRA, 1953, p. 18).

É importante salientar que as pesquisas focadas nas manifestações populares, ganharam força no Brasil a partir do final do século XIX e início do século XX, com o incentivo à valorização de expressões reconhecidas como folclóricas. No entanto, a cultura material, ainda nessa ocasião, não era uma escolha a ser considerada, as primeiras pesquisas

¹ Os organismos da documentação são: a) bibliotecas públicas gerais; b) bibliotecas especializadas; c) centros ou serviços de documentação, tanto independentes quanto subordinados a instituições científicas, repartições públicas, estabelecimentos de finalidade social; d) centros ou serviços de informação e documentação de empresas industriais, comerciais ou financeiras; e) bibliotecas particulares, estúdios, gabinetes de trabalho dos trabalhadores intelectuais onde se encontrem, organizadas, coleções de livros, documentos e repertórios, tendo em vista o estudo e a elaboração de trabalhos intelectuais (OTLET, 2018, p. 7).

² Atividades da Imprensa: “Carteira Profissional da Prefeitura do Distrito Federal, n.º 41.727; Carteira Profissional de Jornalista do Ministério do Trabalho, n.º 76.300; carteira da Associação Brasileira de Imprensa, Sócia Remida, n.º 1.744. Membro da Comissão Nacional de Folclore [1947] e Diretora do Círculo Folclórico Luso Brasileiro, do Liceu Literário Português”. (LIRA, 1953, p.74).

³ Em matéria ao *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, em 9 abril de 1941, a autora faz um retrospecto das pesquisas até então realizadas nesse contexto. Trabalhos como os de Celso Magalhães, sobre a Poesia Popular Brasileira, Sílvio Romero, e suas informações coligidas sobre as tradições populares; José Veríssimo, sobre a População Indígena e Mestiça dos Amazonas; Melo Moraes Filho, em 1885, lançando os ensaios cancionários dos ciganos e Ciganos do Brasil, em 1889, descrevendo as festas populares do Brasil, em 1895, os costumes e tradições do Brasil, reunidos mais tarde o volume — *Festas e Tradições do Brasil*; são alguns exemplos de estudos citados pela folclorista (LIRA, 1941).

registravam a oralidade popular, e “gradativamente a abrangência foi se ampliando, atingindo para além da poesia oral, as melodias, danças, festas, costumes e crenças das populações rurais” (VILHENA, 1997, p. 25).

Os registros, publicados nos diversos espaços de pesquisa e consulta no país, divulgados nos jornais e periódicos locais, bem como pelas Academias Regionais de Letras, Institutos Históricos etc., eram as fontes/documentos que até então materializavam as narrativas consideradas folclóricas, depois recuperados como acervos em museus, bibliotecas e arquivos. No entanto, é possível notar, em outros projetos de exposições, a presença da cultura material, a partir de outros enquadramentos, polissêmicos ao campo do folclore, como cultura sertaneja, arte popular, cultura popular, artes e ofícios etc.

Desse modo, a questão central discutida neste trabalho é uma reflexão sobre a produção de uma Ciência do Folclore no Brasil, a partir da materialização de uma exposição de curta duração, realizada no Rio de Janeiro, em 1941, pela Comissão de Pesquisas Populares. Objetiva-se refletir acerca dos processos curatoriais para a constituição da Primeira Exposição científica de Folclore, os seus procedimentos e as estratégias de validação dos responsáveis pelo projeto expográfico em defesa dessa ciência no Brasil.

Segundo os estudos da área, é somente a partir de 1913, quando alguns intelectuais se interessaram em conceber os estudos folclóricos como uma disciplina científica, discutindo técnicas e métodos de coleta, que o seu objeto de pesquisa foi ampliado para outras áreas do conhecimento, como a Etnografia, Antropologia, Filologia, Etnologia, Sociologia, História e outras disciplinas.

João Ribeiro, nascido em Sergipe, mas estabelecido no Rio de Janeiro, foi um desses personagens que, por meio da linguagem, ou seja, como filólogo, costurou, durante o seu Curso de *Folk-Lore* na Biblioteca Nacional⁴, os primeiros ensaios para uma pesquisa folclórica, sob a ótica de uma Ciência do Folclore. Mariza Lira (1941) afirma que a partir de

⁴ Publicado nos Anais da Biblioteca Nacional, João Ribeiro comunica os seguintes apontamentos: “A convite do sábio e zeloso Director da Bibliotheca Nacional, no correr do anno de 1913, realizei algumas conferências sobre *Folk-Lore*. Era meu proposito instituir um ensaio generalizado fundada em numerosos factos até agora recolhidos da tradição popular no Brasil. O habito dos estudos comparativos da linguagem facilitava-me a tarefa.” O curso, oferecido pelo folclorista João Ribeiro, foi anunciado com as seguintes titulações: O *folk-lore*. Methodos de pesquisa. A Lingua e a literatura popular; A novelística nas suas formas litteraria. Os contos populares; fábulas e histórias de anímaes. Apologos; os mytos; O *folk-lore* infantil; credices, superstições. Ideias práticas e religiosas; O Romance. A Poesia popular e suas technica; Sinthese geral do *folk-lore*. Conclusão. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/402630/37250>. Acesso em: 4 jul. 2023.

João Ribeiro, ocorrerá uma mudança de perspectiva no campo do Folclore e nos intelectuais que anteriormente pesquisavam o folclore no Brasil, como o seu contemporâneo Sílvia Romero. Segundo a autora, as pesquisas passariam de uma “escola de colecionadores” para uma “escola de investigadores” (*Idem.*, não paginado)

Contemporâneo do sergipano João Ribeiro, em São Paulo, Amadeu Amaral, autor do trabalho *O Dialeto Caipira* (AMARAL, 2020), nos primeiros anos da década de 1920, partilhava da ideia e uma ciência do folclore, alertando a importância da pesquisa científica para conhecimento da realidade recortada. Segundo o paulista, “o folclore, dizia, não pode ser compreendido se não o vemos no seu entrelaçamento. A poesia, por exemplo, especialmente a roceira, está relacionada à música, à dança e ligada e sustentada por atos coletivos diversos” (LIMA, 2003, p. 168). Suas críticas eram que as produções folclóricas precisavam ser estudadas com pouco menos de imaginação e mais de objetividade, e por isso a necessidade de “procurar, coligar, coletar mais materiais, acompanhadas de informações exatas”.

O projeto de uma Sociedade Demológica, situada em São Paulo, para sistematizar uma coleta “mais séria, mais metódica, mais fecunda, espancando a atmosfera de curiosidade vaga, de diversão inócua e de sentimentalismo universal” (LIMA, 2003, p. 169), foi um dos primeiros espaços criados com esse propósito no Brasil. Em diversos estudos dedicados à historiografia do folclore brasileiro e às contribuições de seus agentes, Amadeu Amaral é apontado como um dos pioneiros na busca pela cientificidade das práticas de coleta do folclore (VILHENA, 1997).

A partir deste cenário, entende-se ser um caso exemplar a Comissão de Pesquisas Populares, responsável pela primeira exposição de curta duração sobre o Folclore no Brasil, seja pela sua relevância de ter sido constituída por uma mulher, evidenciando-a dentro do campo do folclore com possuidora de saberes e ordenação do conhecimento comunicado, seja pela necessidade de localizar na trajetória de conformação do campo, os rastros da produção de documentos, mobilizados para a construção da “memória e do patrimônio da ciência voltados para a ideia de nação brasileira” (SILVA, 2015, p. 18).

As exposições científicas enquanto espaço potencialmente informativo, produzidas por especialistas, curadores/as, tem entre suas especificidades comunicar ao público um conhecimento a partir de um vocabulário controlado da ciência. No entanto, o diálogo com a autora Julia Moraes (2014) permitiu entender que “tão relevante quanto à divulgação da

informação que representa uma descoberta ou teoria é o conjunto de informações que representam os caminhos percorridos até se chegar àquela conclusão, que poderá, em dado momento, ser revista e contestada” (MORAES, 2014, p. 36).

As exposições científicas são fabricadas por especialidades disciplinares, que por sua vez são validadas por pares no campo situado. Desse modo, a relevância de examinar essa experiência na Ciência da Informação é apreendida, ao permitir ao campo informacional caminhos intelectuais de diversas áreas disciplinares, “na gênese, organização, comunicação e disponibilização da informação” (MARQUES, 2013, p. 596).

O estudo torna-se necessário ao contextualizar a constituição de um dos espaços de sociabilidade e produção de práticas documentárias no campo informacional brasileiro que muitas vezes “ficam à margem das mediações epistêmico-comunicacionais, nas quais seria construído um labor informacional ou documentário, atribuindo-lhe direção, condição e sentido” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2011, p. 24). Dito isso, tendo em vista o entendimento de informação como uma prática social construída por um círculo de agentes no campo (MARTELETO; PIMENTA, 2017), coube aqui apresentar uma exposição de curta duração, cujo objetivo era exibir o Folclore com base “narrativas científicizantes” (SILVA, 2015, p. 22), a partir da coleta e ordenação de objetos de cultura material.

Para tanto, a análise baseada na materialidade da informação (FROHMANN, 2006; RABELLO, 2019) permitirá, por meio dos documentos coletados, compreender não somente os bastidores da produção, mas também as redes de intelectuais e instituições, o valor informacional e científico e identificação das práticas documentárias. Possibilitando, a partir de uma perspectiva prática, social e interpretativa da informação, uma compreensão mais ampla deste fenômeno (ARAÚJO, 2014).

A pesquisa é baseada em fontes bibliográficas e em análise documental, tendo como foco a criação de projetos de exposições folclóricas no Brasil. Além da busca em periódicos, realizada no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, a consulta a trabalhos publicados por folcloristas nas décadas em questão, disponíveis no acervo de bibliografias da Biblioteca da Universidade de Brasília, foi relevante para a composição do trabalho. Assim como a pesquisa etnográfica realizada pelo antropólogo Luís Rodolfo Vilhena (1997), no antigo Instituto Nacional de Folclore, por se tratar de um material que investiga o processo de institucionalização do Folclore,

recuperando algumas informações que permitiram alguns indícios relevantes para o estudo aqui proposto.

Dito tudo isso, ao elegermos como ponto de partida um “patrimônio cultural em retrospectiva” (CERÁVOLO, 2016), ao examinamos o campo do Folclore, o trabalho segue as orientações de Aldo Albuquerque Barreto (2007), quando diz que as “ideias” e “práticas” desenvolvidas no universo informacional “devem ser analisadas a partir de um determinado ponto de interesse, dependendo do contexto estudado” (BARRETO, 2007, p. 25). Assim, o estudo resulta numa reflexão sobre as práticas documentárias e sua intersecção com o campo do patrimônio, num contexto em que a noção de ciência do folclore “desafiava a incompreensão a que estava sujeita” (LIRA, 1953, p.24).

2 A COMISSÃO DE PESQUISAS POPULARES DA SOCIEDADE DOS “AMIGOS DA CIDADE”

A participação de inúmeros folcloristas de diversas regiões do país, a formação de várias Sociedades de Folclore que advogavam a cientificidade do Folclore e o alargamento do seu objeto de estudo, foi um dos efeitos para a configuração de uma rede de pesquisa e coleta de objetos da cultura material. O Folclore, enquanto campo de produção de conhecimento, pode ser estudado sob diversas abordagens e em diferentes áreas científicas. Nesse sentido, ao compreendermos a sua construção e o seu reconhecimento no Brasil no campo informacional, a partir da “objetivação e exteriorização [da sua materialidade] nos contextos institucionais, justifica que a entendamos como dimensão de ações, interações e relações sociais”. (GONZALEZ DE GOMEZ, 2011, p. 33). Materialidade essa, “outorgada pelos documentos e as cadeias de produção documentária”.

As Sociedades de Folclore são alguns desses espaços de produção de práticas documentárias. No contexto paulista, a Sociedade de Etnografia e Folclore, criada entre 1936 e 1939, teve como objetivo orientar, promover e divulgar estudos etnográficos, antropológicos e folclóricos. A organização, que estava vinculada ao Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, surgiu dos incentivos do escritor Mario de Andrade e Dinah Lévi-Strauss, na época pesquisadora vinculada à Universidade de Paris e no Museu do Homem (PORTELA, 2020). A relevância da pesquisadora nos trabalhos realizados pela Sociedade é evidenciada pelo depoimento de Mário de Andrade em seu texto para o Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros, publicado somente em 1998, pelo Conselho Editorial do Senado Federal.

Em 1936 o Departamento Municipal de Cultura abria matrícula para um curso de folclore, regido durante um ano pela professora Dina Lévi-Strauss que fora assistente do *Musée de L'Homme*, em Paris. Este curso, organizado sob bases eminentemente práticas, teve como intenção principal formar folcloristas para trabalhos de campo. Com efeito, o que nos prejudica muito em nossos museus é que suas coleções, por vezes preciosas como documentação etnográfica, foram muito mal recolhidas, de maneira antiquada, deficiente e amadorística, não raro inspirada no detestável critério da beleza ou da raridade do documento. Contra isso quis reagir o Departamento de Cultura de São Paulo, como já o estava fazendo, para a etnografia, o Museu Nacional, desde Roquete Pinto. E, com efeito, com os alunos desse curso de folclore, fundou-se em dezembro desse ano a Sociedade de Etnografia e Folclore, a primeira organização coletiva deste gênero, criada no Brasil (MORAIS; BERRIEN, 1998, p.429).

Após a criação da Sociedade de Etnografia e Folclore, que durou poucos anos, outras sociedades de folclore e/ou locais para coleta e pesquisa foram criadas, como a Comissão de Pesquisas Populares, fundada pela folclorista Mariza Lira, inspirada nos trabalhos realizados por Mario de Andrade e Dinah Lévi-Strauss. Integrando, naquele contexto, uma série de outras organizações seguintes, como: A Sociedade de Antropologia e Etnologia, em 1951; Sociedade “Amigos da Cidade”, em 1940; o Instituto Brasileiro de Folclore, em 1941, e a Sociedade Brasileira de Folclore, em 1941, pelo folclorista Luís da Câmara Cascudo.

A Comissão de Pesquisas Populares fazia parte da Sociedade dos “Amigos da Cidade”. Fundado na década de 1940, na cidade do Rio de Janeiro, o espaço almejava ser um local de discussão para evitar problemas que até então afetava “a vida da metrópole em seus aspectos urbanísticos, architetonicos”, como, também, turísticos”. Formado pelo Presidente Raymundo de Castro Maya, pelos vice-presidentes, Octavio da Rocha Miranda e Miran Latif; Secretários, Matos Pimenta e Marcello Roberto; e os Tesoureiros, Eduardo Pederneiras e Manuel Ferreira Guimarães; a instituição que ficava localizada na Avenida Rio Branco⁵, convocava para o trabalho “de mais efetiva assistência, estudar o folclore da capital da República, do Distrito Federal” (LIRA, 1953, p.8).

Assim, inspirada nos trabalhos desenvolvidos pela Sociedade de Etnografia e Folclore, e pelo interesse que pesquisadores internacionais teriam no folclore brasileiro, Mariza Lira cria a primeira Comissão de Pesquisas Populares, integrando o espaço com outras unidades,

⁵ A I Sociedade AMIGOS DA CIDADE. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 set. 1940, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/2998?pesq=%22Sociedade%20dos%20Amigos%20da%20Cidade%22. Acesso em: 27jun. 2023.

como a Comissão de Defesa Florestal e Ruídos Urbanos⁶, convidando “os sinceros amigos do Rio de Janeiro e suas tradições populares, desejarem trazer à comissão quaisquer *documentos* ou sugestões em prol do desenvolvimento e conhecimento do riquíssimo folclore carioca”.

Foi pensando nisso e nas dificuldades que se apresentam ao ter de satisfazer a curiosidade de consultas de visitantes estrangeiros que nos procuram ansiosos de nossas riquezas folclóricas, resolvi organizar uma Sociedade Folclórica. Baseei-me nos resultados colhidos em São Paulo na Sociedade de Etnografia e Folclore, anexa ao Arquivo Municipal, fundação de Mário de Andrade, que a organizou e fez contratar a etnógrafa Strauss, para estabelecer as bases de pesquisas populares em ambientes brasileiros. A minha ideia foi acolhida prazentemente pelo Dr. Raimundo de Castro Maia e a Comissão de Pesquisas Populares passou a integrar a Sociedade dos Amigos do Rio de Janeiro (LIRA, 1941, p.15).

A primeira reunião contou com a liderança de Mário de Andrade, a convite de Mariza Lira, considerado, naquele contexto, autoridade em assumptos “folck-lorísticos”. Nesse momento, o escritor apresentou os objetivos iniciais da Comissão, que seriam desenvolver estudos e pesquisas em torno dos costumes, lendas, poesia, música, religiões, canto, crendices, das tradições, enfim, da terra carioca.

A Comissão de Pesquisas Populares possuía como integrantes: Joaquim Ribeiro (do Instituto Nacional do Livro), Luís Heitor (da cadeira de folclore da Escola Nacional de Música), Basílio Itiberê (da cadeira de folclore do Instituto de Educação), Renato Almeida (musicólogo e diretor do Serviço de Imprensa no Ministério das Relações Exteriores), Aries de Andrade (tradutor da sessão de Rádio do Departamento de Imprensa e Propaganda.), Leonor Possada (jornalista e professora municipal), além de Mariza Lira (LIRA, 1941).

Logo após a sua fundação, Joaquim Ribeiro, filho do sergipano João Ribeiro, em uma das reuniões, apresentou para a comissão um projeto para acriação da primeira exposição de Folclore do país, para falar do folclore Carioca. Além da exposição, outras ações fariam parte do projeto, quando “iniciados os trabalhos de coleta documentária popular na vasta zona do Distrito Federal” (LIRA, 1953, p. 21). A curadoria, feita sob a colaboração de Mariza Lira, faria “conhecer melhor, ao carioca, ou ao visitante de outras plagas, o verdadeiro

⁶ SOCIEDADE AMIGOS DA CIDADE. Em organização a Comissão de Pesquisas Populares. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 22 set. 1940, p.8. Disponível em:http://memoria.bn.br/DocReader/093092_03/2580?pesq=%22Comissão%20de%20Pesquisas%20Populares%22. Acesso em: 27 jun. 2023.

aspecto da vida popular [da] cidade” (LIRA, 1953, p. 8), sendo apresentado a partir de uma perspectiva do Folclore urbano.

Durante muito tempo os folcloristas pensaram que as grandes cidades deviam ser excluídas das pesquisas populares, porque era impossível a existência de um autêntico folclore urbano. Hoje em dia, entretanto, é bem outra a maneira de encarar essa questão: os mais conceituados folcloristas contemporâneos estão de acordo em que não somente há folclore nas grandes cidades, como há mesmo tradições e costumes populares que lhe são peculiares, que só nelas podemos encontrar o que constituem, portanto, a face original, própria de seu folclore. A população que anda de bonde e ônibus pela zona pavimentada da cidade, nem pensa no homem que, depois do trabalho urbano, busca, nos trens superlotados, o lar distante, perdido nalguma estrada do sertão carioca (LIRA, 1953, p. 8).

A I Exposição de Folclore no Brasil, como um evento /documento, também registrado em livro, pela própria Mariza Lira, em 1953, em homenagem a Mário de Andrade, é parte de um projeto de documentação, forjado pela própria autora. É a partir desse documento secundário, organizado pela folclorista que temos a realização desse acontecimento expositivo, circunstanciado por poucas fotografias e alguns relatos de pesquisas.

A Comissão teve pouca duração e dissolveu-se em 1942. Segundo Vânia Oliveira (2012), todo o material coletado e que havia sido depositado no apartamento 27 do Hotel Castelo, no centro do Rio de Janeiro, foi extraviado quando de sua demolição. Todavia, o projeto foi palco de muitas celebrações. A exposição contou com várias conferências, mostrando trabalhos manuais executados em diversas localidades do Rio: “Uma série de conferências acompanhou a demonstração, tendo falado o cel. Paula Cidade, o comandante Gastão Penalva, professor Silvio Júlio e finalmente, na tarde de ontem, encerrando a exposição, o Sr. Renato Almeida”, que fez uma conferência sobre o samba carioca.

A I Exposição de Folclore no Brasil: por uma ciência do folclore

No jornal *Diário Carioca*, de 13 de outubro de 1940⁷, Mariza Lira apresenta os detalhes do projeto e as pesquisas a serem realizadas, mostrando o modelo de composição da exposição, resultante da coleta e pesquisa etnográfica.

Segundo a orientação de Mário de Andrade, iniciaram-se os trabalhos preliminares, ficando assentados métodos especiais de pesquisas, estudos e conferencias, sendo aprovado unicamente o magnífico plano de uma exposição de objetos populares, apresentado pelo ilustre Joaquim Ribeiro.

⁷ LIRA, Mariza. Pesquisas Populares. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 9 abr. 1941, p. 15. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_06/9165. Acesso em: 26 jun. 2023.

Para a exposição, que se realizaria no Rio de Janeiro, além de inédita e interessantíssima, abrangeria os seguintes setores: atividades estéticas, atividades místicas, atividades domésticas, atividades socioeconômicas. Desdobra-se em documentação impressa, discos, mapas, objetos vários. Serviria de atestado material dos trabalhos da comissão e, ao mesmo tempo, de documento do nível cultural da nossa gente. Além de ter grande alcance social e patriótico, serviria de base a formação de um arquivo folclórico. Várias pesquisas já tinham sido realizadas, quando Mario de Andrade, recebendo honrosa designação em São Paulo, acaba de deixar o Rio (LIRA, 1941, p. 15).

Para a realização da exposição, a Sociedade organizou um amplo quadro de sistematização “a fim de evitar o trabalho dispersivo”. Assim, os objetos classificados como folclóricos ficaram divididos em cinco setores:

I — Sessão socioeconômica - visando recolher os elementos à vida econômica do povo, os instrumentos de pesca, de caça, a cerâmica, a cestaria etc.; II — Seção estética - encarregada da documentação das artes populares; III — Seção doméstica - reunindo utensílios caseiros e os demais objetos de igual procedência; IV — Sessão lúdica - relativa aos brinquedos e diversões populares; V — Sessão mística - abrangendo todas as formas de atividade mística do povo carioca, de caráter folclórico. [...] Foram escrupulosamente selecionados, entre material escolhido, perto de 200 peças convenientemente fichadas, além de fotografias, mapas, livretos contendo peças teatrais, pantominas, essas gentilmente oferecidas pelo professor Raul Perdeneiras (LIRA, 1953, p. 22/29).

A sala da exposição “relativamente pequena”, foi organizada no “foyer do auditório da A.B.I” (LIRA, 1953, p. 23). Sua curadoria, organizada a partir dos cinco setores, conforme apresentado, Mariza Lira e Joaquim Ribeiro dialogavam com a “tendência moderna - refletindo, aliás, fundamentos filosóficos de metodologia científica [com base] folclore e etnografia” (LIRA, 1953, p. 25).

Estamos trabalhando ativamente na coleta de material para exposição, que compreenderá objetos de todos os gêneros, desde instrumentos de trabalho até as velhas máscaras de Carnaval, literatura de cordel, discos de música populares especialmente gravados, indumentária de algumas profissões, trabalhos domésticos etc. Todos os objetos são rigorosamente fichados, com indicação de procedência, utilidade e outros dados capazes de conferir a esse trabalho cunho acentuando científico. Será impresso um grande catálogo da Exposição, metódico e descritivo, o qual estou certo será muito apreciado pelos estudiosos de folclore, daqui ou do estrangeiro. Durante o período da Exposição, realizaremos diversas conferências alusivas, algumas a cargo dos próprios componentes da Comissão de Pesquisas Folclóricas que já ajeitaram a incumbência (LIRA, 1953, p. 8-9).

Segundo Joaquim Ribeiro, em entrevista concedida ao Jornal *A Noite*, em 8 de setembro de 1941, a cientificidade do projeto “se reveste de grande importância. O material

recolhido pelos folcloristas forma subsídios preciosos para os estudiosos da psicologia étnica e antropologia cultural” (ATÉ..., 1941, p. 7)⁸. Nesse momento há indícios (Fig. 1), de uma percepção de Folclore impactado por outros países, mais especificamente, difundida pela Europa.

Figura 1 – Configuração da 1 Exposição de Folclore no Brasil (1941)



Fonte: Lira (1953, p. 25).

Isso fica evidente quando, ao ser questionado sobre o motivo de uma exposição folclórica privilegiando material etnográfico, Joaquim Ribeiro responde:

Na verdade, não há distinção a fazer-se hoje em dia entre etnografia e Folclore. Numa palavra, etnografia sempre foi civilidade material do povo. Folclore, inicialmente foi considerado apenas o estudo dos cantos e contos populares. O folclore desenvolveu, depois, o seu campo de ação. Segundo Aranzadi, Hoyos Sanz e Santlves, autoridades de peso, a distinção deixou de existir. Hoje, em dia, tanto é folclore a superstição do mau olhado como o poder do chifre de boi defender as plantações das secas e das enxurradas: as lendas, como as redes de pescadores; as cantigas de São João, como as barraquinhas do Santo, fabricadas pela técnica tão pitoresca dos nossos humildes pirotécnicos. Folclore, em suma, é o seguinte: estudo de toda manifestação popular, seja no terreno do espírito, como no terreno pátrio (ATÉ ..., 1941, p. 7).

A figura anterior ilustra como a cultura material, nos estudos de folclore, é impactada no seu modo de coletar e expor quando do deslocamento realizado principalmente pelo folclorista Paul Sébillot. O seu olhar para a tematização dos objetos não seguia uma leitura a partir de categorias sociais, como era produzido até então. Conforme apresentado nos

⁸ ATÉ BRUXAS DE PANO E PAPAGAIOS DE PAPEL. **A Noite**, Rio de Janeiro, 8 set. 1941, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/348970_04/10878. Acesso em: 01 jul. 2023.

detalhes expostos por Joaquim Ribeiro na abertura da exposição e nos relatos de Mariza Lira sobre as primeiras atividades realizadas, é possível visualizar a escolha dos materiais por ofícios: “camponês, pescador, mineiro, comerciante, [...] reconhecendo que cada um tem seus próprios costumes e crenças” (VOISENAT, 2010, p. 2).

Essas iniciativas contribuíram para produção de um vasto acervo e orientações científicas que fundamentaria, na década de 1940, a formação de um campo do folclore brasileiro. Assim sendo, concordamos com a autora Julia Moraes (2014), quando ao admitir que os museus podem ser espaços “privilegiados para a produção, gestão e veiculação de informações especializadas relacionadas aos mais diferentes campos do saber”, como a exposição, por exemplo, os mesmos podem ser locais “privilegiados para a divulgação dessas informações, tendo em vista sua dimensão educativa” (MORAES, 2014, p. 49).

Essa compreensão fica evidente quando Cecília Meireles, umas das folcloristas com atuação bastante importante nos campos dos estudos de folclore, especialmente após a criação da Comissão Nacional do Folclore, do IBECC, assim como Mariza Lira, também compreendia o papel dos museus como “parte importantíssima da obra de adaptação do Folclore aos programas de ensino” (VILHELA, 1997, p. 193). Para autora, conforme apresentado por Rodolfo Vilhena (1997, p. 193), “essa importância seria mais aguda em escolas urbanas, onde a distância da cultura folclórica mais autêntica, diferentemente do que ocorreria nas escolas regionais e rurais, torna o conhecimento direto das fontes vivas de informação”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a criação da Exposição Científica de Folclore, em 1941, a partir daquele momento tínhamos uma nova configuração de como expor a cultura “folk” no Brasil. Ampliando para além das coleções de livros bibliográficos, expostos como acervos do folclore, considerados num primeiro momento como inventário dos registros da oralidade popular, com suas poesias, lendas, etc., para a coleta da cultura material.

Com este trabalho espera-se contribuir para uma melhor compreensão sobre a importância de estudar as exposições de curta duração, a partir do exemplo citado como a elaborada pela Comissão de Pesquisas Populares.

As exposições de curta duração que não foram realizadas em locais considerados tradicionais, ainda são pouco estudadas na área de produção de conhecimento. A maioria

dos estudos que considera a cultura material, e que conversa com o tema complexo da cultura popular, avalia, na maioria, experiências realizadas em museus ou em grandes exposições comemorativas como objetos privilegiados para a elaboração de suas pesquisas.

A opção por estudar a I Exposição de Folclore no Brasil foi aqui analisada por oferecer uma proposta diferente de exposição sobre o Folclore, naquele contexto, ao romper com os padrões da época, ainda hoje em condição de invisibilidade. E, além de enfatizar a cultura material como um elemento de curadoria, é resultado de uma investigação com critérios científicos, em defesa de uma Ciência do Folclore no Brasil, com base uma etnografia em bairros considerados populares na cidade do Rio de Janeiro, objetivado com um campo de coleta documentária.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira**. São Paulo: Parábola. 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação? **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 1, p.1-30, 2014.

ATÉ BRUXAS DE PANO E PAPAGAIOS DE PAPEL. **A Noite**, Rio de Janeiro, 1941. p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/348970_04/10878. Acesso em: 01 jul. 2023.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma história da Ciência da Informação. *In*: TOUTAIN, Lúcia Maria Batista Brandão (Org.) **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, p. 13–34, 2007.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Exposições temporárias para as “senhoras e senhoritas” da sociedade baiana: o discurso performativo do Instituto Feminino da Bahia (1920 a 1968). *In*: CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA E V ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 5., 2016, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju, ANPUH, 2016. Disponível em: http://www.encontro2016.se.anpuh.org/resources/anais/53/1486583730_ARQUIVO_1472552711_ARQUIVO_CERAVOLOANPUHrevisto08.016k.pdf. Acesso em: 8 jul. 2023.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação na contemporaneidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília. **Anais [...]**. Marília: ANCIB, UNESP, 2006.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. A documentação e o neodocumentalismo. *In*: CRIPPA, Giulia; MOSTAFA, Solange Puntel. (Org.) **Ciência da informação e documentação**, Campinas: Alínea, 2011. p. 23–36.

LIMA, Rossini Tavares de. **A ciência do folclore**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LIRA, Mariza. **1. Primeira Exposição de Folclore no Brasil**: achegas para a história do folclore no Brasil. Gráfica Laemmert, 1953.

LIRA, Mariza. Pesquisas Populares. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 1941. p. 15. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_06/9165. Acesso em: 26 jun. 2023.

MARQUES, Angélica Alves da Cunha. O campo da Informação. In: CUEVAS-CERVERÓ, Aurora; SIMEÃO, Elmira. **Investigación en información, documentación y sociedad**: Diálogos entre Brasil y España. Madrid: F^a CCDD, 2013. p. 583–559.

MARTELETO, Regina Maria; PIMENTA, Ricardo Medeiros. Apresentação. In: MARTELETO, Regina Maria; PIMENTA, Ricardo Medeiros. (Orgs.). **Pierre Bourdieu e as condições sociais de produção da cultura, do conhecimento e da informação**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2017. p. 14–26.

MORAES, Julia Nolasco Leitão. **Museu, informação artística e “poesia das coisas”**: a divulgação artística em museus de arte. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/807>. Acesso em: 2 jul. 2023.

MORAES, Rubens Borba de; BERRIEN, William. **Manual bibliográfico de estudos brasileiros**. v. 1. Brasília: Senado Federal, 1998.

OLIVEIRA, Vânia Dolores Estevam de. A “Imaginação Museal” dos folcloristas. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2012. Disponível em: http://www.tecap.uerj.br/pdf/v92/vania_dolores_estevam_de_oliveira.pdf Acesso em: 5 jul. 2023.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro teoria e prática. Brasília: Brique de Lemos, 2018. p. 742. Edição digital. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32627/1/LIVRO_TratadoDeDocumenta%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 5 jul. 2023.

PORTELA, Luciana Magalhães. **Brasil, terra vermelha**: a história da Antropologia e o reencontro com Dina Dreyfus. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39867>. Acesso em: 23 jun. 2023.

RABELLO, Rodrigo. Informação materializada e institucionalizada como documento: caminhos e articulações conceituais. **Brazilian journal of information studies: research trends**, Marília, v. 13, n. 2, p. 5-25, 2019.

SILVA, Sabrina Damasceno. **Curadoria em museus de história natural**: processos disruptivos na comunicação da informação em exposições museológicas de longa duração. 2015. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto

Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/786>. Acesso em: 23 jun. 2023.

VILHENA, Luiz Rodolfo. **Projeto e missão**: O Movimento Folclórico Brasileiro (1947–1964). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

VOISENAT, Claudie. Paul Sébillot e a invenção do folclore materialista. **Bérose - Enciclopédia Internacional de Histórias da Antropologia**, Paris. 2010. Disponível em: <https://www.berose.fr/article511.html?lang=fr>. Acesso em: 25 jun. 2023.